



RESENHA BIBLIOGRÁFICA:

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **No rancho fundo**. Espaços e tempos no mundo rural. Uberlândia: EDUFU, 2009, 244 p.

João Cleps Junior * 

Na literatura recente sobre o rural brasileiro vivenciamos uma fase importante com elaboração de estudos sobre o campesinato. “*No Rancho Fundo*” é uma coletânea composta por artigos clássicos e novos estudos desenvolvidos pelo antropólogo Carlos Rodrigues Brandão sobre o camponês em Goiás, São Paulo e Minas Gerais. A obra reúne trabalhos sobre as relações de vida e trabalho entre tempos e espaços de comunidades camponesas tradicionais pensados, pesquisados e escritos em lugares e tempos diversos. Nos textos são discutidas as relações sociedade - meio ambiente, as percepções e as compreensões a respeito de espaços e lugares de vida e de trabalho associadas às percepções dos tempos da vida coletiva e da vida local de sociedades camponesas. A maior parte dos trabalhos deste livro provém de pesquisas de campo realizadas a partir da década de 1970 e reúne uma coletânea de artigos clássicos do autor que foram publicados em livros ou revistas com edições já esgotadas ou de difícil acesso.

A obra é composta por dez capítulos enumerados a partir da Introdução. Os dois primeiros capítulos são originais e resultam de investigações recentes ligadas ao projeto de pesquisa apoiado pelo CNPq, entre os anos de 2006-2009, sobre o rio São Francisco: “Tempos e Espaços nas Comunidades Rurais do Alto e Médio São Francisco, Minas Gerais: uma pesquisa interdisciplinar sobre permanências e mudanças de modos de vida em comunidades rurais e ribeirinhas”. O objetivo deste projeto foi estudar os modos de vida e de trabalho nos territórios de grupos e de populações rurais ribeirinhas nos municípios localizados no Alto e Médio São Francisco, em Minas Gerais.

“*VIVER UM TEMPO, HABITAR UM ESPAÇO. A visita de um antropólogo à geografia*”, escrito em Pirapora – beiras do São Francisco, Minas Gerais - abre propriamente a obra (2º Capítulo); é um convite à leitura e ao diálogo entre a Antropologia

* Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Geografia, Laboratório de Geografia Agrária.
E-mail: jcleps@ufu.br

e a Geografia, pois aproxima autores importantes como Clifford Geertz e Milton Santos às discussões sobre o sertão e o sertanejo no cinquentenário da obra *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa. Estabelece a relação fenomenológica entre as noções de espaço e de cultura e o papel da emoção e do pensamento na ligação do lugar – a denominada “cartografia da pessoa” –, contribuindo para pensar o processo de construção cultural da experiência e à questão do tempo-espaço na sociedade rural.

O terceiro capítulo “*TEMPOS E ESPAÇOS NOS MUNDOS RURAIS NO BRASIL. Um breve olhar para ontem e hoje*” foi escrito em Pirapora e Uberlândia, Minas Gerais. Este texto inédito foi apresentado no Encontro Nacional sobre Reforma Agrária na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) em 2006. Inicialmente, o autor faz numa leitura dos estudos de campo realizados em comunidades rurais tradicionais produzidos nos últimos cinquenta anos pela Antropologia, Geografia e Sociologia focados nas relações culturais tempo-espaço. As análises estão centradas nos antigos *estudos de comunidades* (Donald Pearson, Emílio Williemis, Eduardo Galvão, Oracy Nogueira e outros), tal como nas pesquisas pioneiras dos *bairros rurais paulistas* presentes em *Parceiros do Rio Bonito* (1964), de Antônio Cândido e *Bairros Rurais Paulistas* (1973), de Maria Isaura Pereira de Queiroz. Na Geografia, a obra de destaque é de Nice L. Muller – *Sítios e Sitiantes no Estado de São Paulo* (1951). O autor destaca ainda que é difícil encontrar um ponto de equilíbrio entre as duas dimensões (espaço e tempo) e que, tanto a natureza quanto as sociedades humanas, não existem nunca em separado, ou seja: “às vezes parece que as comunidades rurais tradicionais são enfocadas a partir do espaço e da cultura, ao passo que as frentes pioneiras ou de expansão, as áreas de conflito agrário, são estudadas a partir do tempo e da história” (p. 34). Nesse capítulo, Carlos Brandão chama a atenção também para as análises centradas demais naquilo que se transforma e se moderniza no mundo rural da atualidade global e brasileira, retomando ideias de Milton Santos e outros estudiosos das transformações macroestruturais do mundo rural na era da globalização. Atualiza o debate sobre o capital no campo relacionando questão agrária, questão ambiental, direitos humanos etc. contextualizando os conflitos do campesinato com a expansão do poder do agronegócio, mas, também, que busca estabelecer a diferença de ênfase de olhares desiguais entre antropólogos, geógrafos e outros

cientistas sociais sobre a diversidade dos territórios, das paisagens e das unidades sociais situadas fora das cidades.

Os capítulos seguintes são textos clássicos de Carlos Rodrigues Brandão sobre o modo de vida camponês. O quarto capítulo “*CENÁRIOS E MOMENTOS DA VIDA CAMPONESA. Três dias de caderno de campo em uma pesquisa realizada na Serra da Mantiqueira – Preto de Baixo –*, Joanópolis, São Paulo, é um estudo sobre os ciclos de vida e de dimensões de temporalidade na experiência do cotidiano camponês. Descreve o rancho caipira tradicional e sua divisão interna, os hábitos e a significação do imaginário camponês ainda presentes no mundo rural tradicional, apresentando as diversas dimensões da temporalidade da experiência do cotidiano camponês e estabelecendo a diferenciação (dois casos extremos): o *trabalhador volante e o sitiante*.

Os dois capítulos seguintes foram desenvolvidos na Serra do Mar – Catuçaba – São Luiz do Paraitinga, São Paulo. O quinto capítulo “*DO SERTÃO À CIDADE. Os territórios da vida e do imaginário do camponês tradicional*” traz a contribuição sobre a percepção do espaço entre sítiantes tradicionais, entre os espaços de vida da casa cotidiana ao distante imaginário. Explora os diferentes territórios entre o *Sertão* e a *Cidade* (sequência sertão - bairro - vila - cidade). O sertão vivido como um lugar espaço-tempo distante. Analisa o que acontece com os homens do campo e, especialmente, com os agricultores e pecuaristas existentes em ambientes de vida e de trabalho onde a presença próxima dos cenários da natureza é muito cotidiana. Assinala os marcos das mudanças no rumo da vida cotidiana dos anos 1960 com o sertão próximo tornando-se social e economicamente distante, relacionando a chegada de pessoas no sertão e, de outro lado, a migração dos bairros para os povoados e para as cidades do Vale e do Litoral Paulista. Acrescenta e descreve, por meio de esquemas, a lógica social dos territórios do cotidiano cujo ponto de origem vai da casa ao sítio e deste ao bairro. O sexto capítulo “*Casa, terra, bichos e homens*” estuda e representa os espaços da casa e do quintal e os cenários dos coabitantes dos seres vivos (vegetais e animais) que compartilham com os camponeses espaços e tempos relevantes da vida cotidiana e do imaginário resultantes das pesquisas realizadas em Catuçaba.

O sétimo e oitavo capítulos foram desenvolvidos em Mossâmedes, no Mato Grosso Goiano, no Estado de Goiás. O sétimo capítulo “*REPRESENTAÇÕES DO*

TRABALHO ENTRE LAVRADORES DE MOSSÂMEDES. O estudo das relações e das representações sociais: instituições e legitimações” estuda as interações entre categorias de sujeitos que conduzem produções sociais através de processos generativos de *institucionalização* e de *legitimação* e as representações sociais dos lavradores rurais. São abordados, na primeira parte, “as formas de operação da ideologia na sociedade”, “os tempos da vida social”, “o uso dos espaços” dos lavradores de Mossâmedes. Na segunda parte do artigo, Carlos Brandão analisa o mundo do trabalho, o antagonismo existente entre peões e patrões (*ricos e pobres*), “gerado pelas dificuldades criadas pelos fazendeiros frente aos lavradores, desde quando as relações de trabalho passaram a ser marcadas pelo interesse do lucro e pela ambição” (p. 136).

O oitavo capítulo “*A MATA E A ROÇA. A ideologia das relações entre o produtor de alimentos e as condições naturais da produção*” é parte do estudo clássico sobre o campesinato goiano (*Plantar, colher, comer*. Rio de Janeiro: Graal, 1981). Nesse capítulo, são analisados o trabalho rural e a produção de alimentos comparando os modos de relacionamentos passados e atuais entre as pessoas de Mossâmedes e a natureza da região (*Da mata à fazenda; A fazenda: produção e consumo; A força da natureza; Da fazenda a cidade; A trajetória da carência*). Descreve a sequência de momentos de caracterização da natureza local, que “está no núcleo do modo como o lavrador explica formas e efeitos de trocas entre o homem – percebido sempre como um permanente produtor, depredador atual e consumidor – e a natureza” (p. 150). O autor apresenta um quadro síntese com as principais alterações ocorridas nos domínios da natureza, da fazenda e da cidade no processo de produção agrícola e conclui com a descrição das Entrevistas realizadas nas pesquisas de campo.

O nono capítulo “*PARENTES E PARCEIROS. Relações de produção e relações de parentesco entre camponeses de Goiás*”, desenvolvido em Diolândia, Itapuranga. Descreve a organização do trabalho camponês nas fazendas e as modificações dos sistemas de relações intrafamiliares e de relações sociais extra-propriedade. São abordados principalmente os fatores internos à própria unidade de produção camponesa, mas preocupa-se também em analisar, em específico, os efeitos da partilha de terras e a saída das famílias das fazendas em busca de trabalho urbano.

O último capítulo (Cap.10) “*O CERCO DO VERDE. O olhar dos outros sobre a questão do ambiente*” foi desenvolvido em Eldorado, Vale do Ribeira, São Paulo. É um texto peculiar sobre a questão ambiental, no qual a questão da terra se associa à do território, cuja preocupação está centrada em recolher e relatar depoimentos de pessoas nativas, técnicos e estudiosos do Vale do Ribeira sobre a questão ambiental. Ao reunir as entrevistas dos diferentes atores, o estudo revela que nas últimas décadas “a produção da sobrevivência familiar dos moradores (nativos) foram alteradas por uma série de novos códigos externos, sem que tenha havido qualquer compensação para as pessoas, famílias e comunidades locais” (p. 220). O trabalho segue também numa linha propositiva apoiando-se em trabalhos científicos desenvolvidos no Vale do Ribeira, refletindo sobre os problemas decorrentes da legislação ambiental e da apropriação oficial de territórios tanto pelos “sujeitos do fazer” (turistas, veranistas e agentes imobiliários) quanto de atores do poder do Estado. A terra e território das comunidades tradicionais foram e seguem aos poucos sendo “perdidos”.

O antropólogo Carlos Rodrigues Brandão tem contribuído com a Geografia brasileira, coordenando grupos de pesquisas e orientando dissertações de mestrado e teses de doutorado na temática rural como professor no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social na Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes).

A obra, composta por diversos estudos de importância histórica e regional, é uma das mais ricas investigações do autor e um convite à (re)leitura sobre o campesinato brasileiro.

Recebido em 28/06/2010.

Aceito para publicação em 31/07/2010.
